

ANOTAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DA ESCRITA DE AUTORIA FEMININA

Naiana Pereira de Freitas
(UFBA - Doutoranda)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>Naiana Pereira de Freitas é Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, desenvolvendo pesquisa na área da crítica feminista, com ênfase na escritora estadunidense Susan Sontag e sua inserção no panorama intelectual do século XX/XXI. Licenciada em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira Moderna (inglês) pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: naiana_freitas@hotmail.com</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>O objetivo deste estudo é mapear o percurso da literatura feminina no Brasil desde o século XIX até o surgimento dos <i>blogs</i>, ao mesmo tempo em que discute a recepção pela crítica literária tradicional e crítica feminista a literatura produzida por mulheres. O mote para transitar do século XIX ao século XX são as discussões acerca da revisão do cânone literário nacional, empreendidas por Rita Terezinha Schmidt (1995) no espaço de produção de autoria feminina. Devido ao movimento de revisão do cânone literário brasileiro, os estudos centrados na escrita de autoria feminina, no século XX, surgem como uma tentativa de classificar as produções literárias de mulheres, levando em consideração a temática e a linguagem empregada por estas escritoras. Nelly Novaes Coelho (1993) e Luiza Lobo (1993,2002) são as pesquisadoras encarregadas de estabelecer uma trajetória de escrita de autoria feminina neste período. É no fim do século XX, com o surgimento do suporte virtual <i>blog</i>, que a escrita de autoria feminina encontrou ainda mais projeção. As considerações acerca da produção de autoria feminina neste artigo são feitas a partir das teorias das pesquisadoras Nelly Novaes Coelho (1993), Luiza Lobo (1993,2002,2007), Rita Terezinha Schmidt (1995), Beatriz Resende (2008).</p>	<p>The aim of this study is to map the path of female literature in Brazil from the 19th century to the emergence of blogs, while discussing its reception by traditional literary criticism and feminist criticism of women's literature. The reason for moving from the 19th to the 20th century, are the discussions about the revision of the national literary canon, undertaken by Rita Terezinha Schmidt (1995) in the female authorship production space. Due to the revision movement of the Brazilian literary canon, the studies centered on the writing of feminine authorship, in the 20th century, emerge as an attempt to classify the literary productions of women, taking into consideration the theme and the language employed by these writers. Nelly Novaes Coelho (1993) and Luiza Lobo (1993, 2002) are the researchers in charge of establishing a writing trajectory of female authorship in this period. It is at the end of the twentieth century, with the emergence of the virtual support blog, that the writing by women found even more prominence. The considerations about the production of female authorship in this article are based on the theories of the researchers Nelly Novaes Coelho (1993), Luiza Lobo (1993,2002,2007), Rita Terezinha Schmidt (1995), Beatriz Resende (2008).</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Escrita de autoria feminina; crítica literária feminista; <i>blogs</i> .	Female authorship; feminist literary criticism; <i>blogs</i> .

INTRODUÇÃO

Como afirma Constância Lima Duarte (2015), a escrita de autoria feminina encontrou obstáculos desde o surgimento no Brasil, instituídos pela crítica literária e/ou sociedade em geral, que dificultaram o reconhecimento desse espaço de autoria como instância legitimada da literatura. Neste contexto, a escrita realizada por mulheres adentrou tardiamente no universo literário, ocasionando a omissão da produção literária feminina do cânone literário nacional.

Devido à recente participação feminina na cena literária brasileira que ainda hoje, século XXI, empreende-se a luta pela inserção das mulheres, neste campo de disputa, como afirma Regina Dalcastagné (2012), chamado literatura brasileira contemporânea. O objetivo deste estudo¹ é mapear o percurso da literatura feminina no Brasil desde o século XIX até o surgimento dos *blogs*, ao mesmo tempo em que discute a recepção pela crítica literária tradicional e crítica literária feminista a literatura produzida por mulheres.

Com Base nos estudos realizados por Zahidé Lupinacci Muzart (1990,2003), Sylvia Perlingeiro Paixão (1990), Constância Lima Duarte (2003,2015), Norma Telles (2008), Ivya Alves (1998), Michelle Perrot (2012) fundamenta-se o contexto da produção autoral feminina no Brasil do século XIX. É neste século que este segmento da produção literária se intensifica, devido a diversos fatores extraliterários que possibilitaram a movimentação cultural no cenário brasileiro. As considerações acerca da produção de autoria feminina neste artigo são feitas a partir das teorias das pesquisadoras Nelly Novaes Coelho (1993), Luiza Lobo (1993,2002,2007), Rita Terezinha Schmidt (1995), Beatriz Resende (2008).

O mote para transitar do século XIX ao século XX são as discussões acerca da revisão do cânone literário nacional, empreendidas por Rita Terezinha Schmidt (1995) no espaço de produção de autoria feminina. Para esta pesquisadora, o estudo de autoria feminina não privilegia apenas escritoras reconhecidas pela crítica, mas também, outras escritoras que ainda não alcançaram o reconhecimento literário. Essa ação desarticula a

¹Este texto é parte integrante do primeiro capítulo da dissertação: *Por uma lírica além do papel: o traço da memória em Ângela Vilma*, defendida em 2016, pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia sob a orientação da professora Dr^a Nancy Rita Ferreira Vieira.

perspectiva canônica que permeou os estudos literários até então, garantindo o poder de fala para as escritoras e também a possibilidade de reconstrução da “categoria mulher”. Em vista disso, “[...] A literatura feita por mulheres envolve uma dupla conquista: a conquista da identidade e a conquista da escritura.” (SCHMIDT, 1995, p.187).

Devido ao movimento de revisão do cânone literário brasileiro, os estudos centrados na escrita de autoria feminina, no século XX, surgem como uma tentativa de classificar as produções literárias de mulheres, levando em consideração a temática e a linguagem empregada por estas escritoras. Nelly Novaes Coelho (1993) e Luiza Lobo (1993, 2002) são as pesquisadoras encarregadas de estabelecer uma trajetória de escrita de autoria feminina neste período. Nelly Novaes Coelho (1993) assinala que, a partir dos anos 70 do século XX, o interesse pela escrita de autoria feminina no âmbito acadêmico tornou-se uma constante, devido às próprias mudanças ocorridas nesta metade do século, como, por exemplo, a quebra de paradigmas sociopolíticos no país e a inserção das discussões feministas a partir de 1968.

A escrita de autoria feminina durante o século XX pode ser considerada como um contradiscurso, no sentido em que o deslocamento do discurso masculino hegemônico vigente passa a ocorrer de forma mais sistemática. As mulheres, assim, passam a projetar a representação de si devido à apropriação de um local de fala. A crítica feminista literária irá fornecer as bases para a desorganização do estudo de textos centrados em paradigmas de caráter masculino, através da revisão do estudo das obras do cânone literário universal.

É no fim do século XX, com o surgimento do suporte virtual *blog*, que a escrita de autoria feminina encontrou ainda mais projeção. No texto, *A literatura brasileira na era da multiplicidade* (2008), Beatriz Resende tece considerações sobre as evidências mais dominantes na literatura contemporânea do Brasil, como, por exemplo, a fertilidade, qualidade e multiplicidade dos textos literários produzidos hoje.

Neste sentido, o suporte *blog* apresenta-se como representante dessas três características, pois o uso desta ferramenta possibilita/ou a circulação de textos, a

promoção de novas formas de publicação, o nascimento de uma nova relação entre autor e leitor. Beatriz Resende (2008, p.25) chama a atenção para o fato de que “[...] dentre as possibilidades de utilização da internet como meio de tornar um texto literário público, o uso dos *blogs* é o que mais debate tem provocado.” Esta afirmação evidencia, ainda mais, a importância do objeto *blog* para este estudo, bem como a relevância de se empreender um estudo de textos literários fora do livro.

1 O PERCURSO DA ESCRITA DE AUTORIA FEMININA NO BRASIL NO SÉCULO XIX

A princípio, os caminhos que favoreceram a prática da escrita às mulheres estiveram circunscritos ao campo do imaginário religioso. Nas palavras de Michelle Perrot (2012, p.32), na Idade Média, “[...] os conventos favoreceram a leitura e mesmo a escrita das mulheres, a tal ponto que, ao final do século XIII, as mulheres da nobreza pareciam culturalmente superiores aos homens que se dedicavam a guerrear, como nas cruzadas ou em outras circunstâncias.” À medida que o tempo avançava, foi possível perceber outros fatores que instigaram as mulheres a escrever literatura, como, por exemplo, o desenvolvimento de uma imprensa produzida por mulheres, que se inicia na Europa no século XVIII. De acordo com Norma Telles (2008), é neste mesmo século que surge o romance moderno na Inglaterra, propiciando a configuração de um novo imaginário social.

Em 1929, na Inglaterra, Virginia Woolf publica a obra *Um teto todo seu*, um ensaio de caráter científico-literário em que discute, em particular, as questões da escrita produzida por mulheres. Esta obra evidencia as demandas que, de certa forma, se relacionam com a produção escrita de autoria feminina, como, por exemplo, a estabilidade financeira para dar vazão à pena, o acesso à educação, o espaço próprio para sua liberdade criadora. As mulheres inseridas em um contexto patriarcal, desprovidas de recursos financeiros, careceriam de meios viáveis para o exercício da escrita profissional. Na Inglaterra até meados do século XIX, uma mulher não poderia ser a dona de seu próprio dinheiro. Diante desta observação, Virginia Woolf (2014, p.63-64), com sagaz lucidez, argumenta,

[...] Porque é um enigma perene a razão pela qual nenhuma mulher jamais escreveu qualquer palavra de uma literatura extraordinária quando todo homem, ao que parece, é capaz de uma canção ou um soneto. Quais eram as condições em que as mulheres viviam? perguntei a mim mesma; a ficção, quer dizer, o trabalho imaginativo, não cai como uma pedra no chão, como na ciência; ficção é como uma teia de aranha, presa por muito pouco, mas ainda assim presa à vida pelos quatro cantos.

É nesta obra que Virginia Woolf aventa a possibilidade de existência de uma irmã de Shakespeare com o mesmo talento literário do irmão. Neste exemplo, fictício, problematiza a questão da escrita e/ou produção artística de autoria feminina na Inglaterra. A escritora inglesa informa que esta “fictícia irmã” causaria desgosto ao pai, caso resolvesse ir a Londres realizar seu sonho, como fez o irmão. E, diante de tanta amargura e desilusão, “a fictícia irmã” de Shakespeare se suicidaria², enterrando para sempre o seu talento. Segundo Virginia Woolf (2014, p.74),

[...] O que é verdadeiro aqui, ao que me parece, revendo a história da irmã de Shakespeare como eu inventei, é que qualquer mulher que tenha nascido com um grande talento no século XVI certamente teria enlouquecido, atirado em si mesma ou terminado seus dias em um chalé nos arredores da vila, meio bruxa, meio feiticeira, temida e escarnecida.

Neste livro, além da irmã fictícia de Shakespeare, suicida e de talento, há inúmeros outros casos ficcionais, mas que poderiam configurar-se como reais daquela época, como, a escritora inglesa Jane Austen³(1775- 1817), que escrevia escondida dos olhares familiares, entre uma costura e outra. Quando Virginia Woolf trata da produção literária de Jane Austen pode-se perceber a fascinação que a move diante desta escritora. Para ela,

² Em 1941, aos 59 anos de idade, a escritora Virginia Woolf se suicida. Esse episódio transforma em realidade a hipotética solução apresentada em *Um teto todo seu*, que resolveria a profunda inadequação das mulheres que desejavam escrever profissionalmente na sociedade nessa época. Salienta-se que demais escritoras apresentaram uma tendência ao suicídio ao longo dos séculos XIX e XX no Ocidente, como, sucede com a poetisa portuguesa Florbela Espanca (1894-1930), a poetisa e romancista americana Sylvia Plath (1932 - 1963) e a brasileira Ana Cristina César (1952- 1983).

³ Além de Jane Austen (1775-1817), outras escritoras tiveram posição de destaque na cena literária inglesa, durante o século XVIII. Lembre-se a notoriedade alcançada pela escritora Mary Shelley (1797-1851) – segunda filha de Mary Wollstonecraft (1759- 1797) –, famosa por seu livro *Frankenstein* em 1816; no século XIX nota-se o destaque conseguido pelas irmãs: Charlotte (1816-1855), Emily (1818- 1848) e Anne Brontë (1820-1849). Neste mesmo século, verifica-se também a produção de Mary Ann Evans (1819-1880), mais conhecida pelo pseudônimo George Eliot.

Jane Austen morreu no momento crucial para o desenvolvimento mais apurado de sua produção literária, como afirma em *O leitor comum* (2007, p.70),

[...] Sua ironia, embora fosse acionada em menor frequência, teria sido mais ácida e severa. Teria sido a precursora de Henry James e de Proust e basta. Vãs são estas especulações: a mais perfeita artista dentre as mulheres, a escritora cujos livros são imortais, morreu “justamente quando estava começando a ter confiança em seu próprio sucesso”.

A situação encontrada pelas mulheres no Brasil que desejavam viver da escrita não foi diferente. As brasileiras foram excluídas da participação da vida política e econômica da sociedade brasileira de modo ainda mais hostil devido, principalmente, ao modelo de sociedade patriarcal herdado dos colonizadores portugueses. Por esta razão, os espaços normalmente ocupados por elas estavam circunscritos à casa, e às funções de esposa e de mãe. Além disso, elas estavam subjugadas à ordem masculina que regia toda a sociedade patriarcal brasileira, seja através da expressão escrita, seja pelo estabelecimento de regras sociais.

[...] No século XIX, para as mulheres que pensaram ser algo mais do que “bonecas” ou personagens literárias, os textos dos escritores colocaram problemas tanto literários quanto filosóficos, metafísicos, psicológicos. Como a cultura e os textos subordinam e aprisionam, as mulheres, antes de tentarem a pena cuidadosamente mantida fora de seu alcance, precisaram escapar dos textos masculinos que as definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade, como sonho e devaneio, e tiveram de adquirir, alguma autonomia para propor alternativas à autoridade que as aprisionava. (TELLES, 2008, p.408-409)

Norma Telles (2008) expõe um panorama da literatura produzida por mulheres durante o século XIX no Brasil, assinalando como este período foi fecundo para a produção de autoria feminina, por vários motivos, como, a ascensão do gênero romance, a vinda da Família Real portuguesa para o território brasileiro e o funcionamento de uma imprensa voltada para a escrita e público feminino⁴. O desembarque da Família Real

⁴Dulcília Helena Schroeder Buitoni (1981) ressalta que a partir de 1850 diversos jornais voltados para o público feminino, dirigidos por homens ou por mulheres, tornaram-se comuns em território brasileiro. Devido à perspectiva assumida neste trabalho, citam-se alguns dos jornais que foram fundados e gerenciados por mulheres no Rio de Janeiro e em São Paulo no referido período. Os periódicos publicados no Rio de Janeiro são: *Jornal das senhoras* (1852-1855) para alguns críticos foi redigido por D. Cândida do Carmo Souza Menezes para outros por Violante Ataliba Ximenes de Bivar e Veloso ou por Paula Manso de Noronha. Independente do nome da proprietária, este jornal se caracterizou por ser um dos primeiros a contar com mulheres trabalhando na redação; *O Bello-Sexo* (1862) cuja editora-chefe foi Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar; *O domingo*(1873-1875) de D. Violante A.X.de Bivar e Velasco; *O sexo feminino* (1875-1877),

portuguesa no Brasil⁵, por exemplo, durante o século XIX, favoreceu a desestruturação da organização social vigente, impulsionando a inclusão das mulheres no processo de criação cultural. É a partir deste momento que a vida na colônia se aproxima dos padrões culturais existentes na Europa, devido à construção de instituições para a instrução, como a Biblioteca Nacional, e de espaços de lazer, como o Jardim botânico. Desta forma, as mulheres que pertenciam a famílias abastadas podiam frequentar estes locais, abandonando paulatinamente o espaço reservado da casa.

É a partir deste cenário que se desenha uma trajetória menos esparsa das escritoras no Brasil. Observa-se o crescente ingresso de mulheres no campo das letras durante este período, apesar de apartadas do acesso à educação formal⁶, elas cada vez mais se lançavam na vida pública. É do Rio Grande do Norte a célebre escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta que, em 1832, publicou: *Diretos das mulheres e a injustiça dos homens* inspirado livremente no *Vindications of the Rights of Woman* (1792) escrito por Mary Wollstonecraft na Inglaterra.

Nísia Floresta lutava pelo acesso à educação para todas as mulheres, defendendo que, somente através do conhecimento, as mulheres, tanto as de classes humildes quanto as mais abastadas, alcançariam a mudança da realidade, usufruindo dos recursos materiais advindos do trabalho intelectual ou não. De acordo com Norma Telles (2008), apesar da ação de forças contrárias, a ascensão feminina neste século, a obra de Nísia Floresta Brasileira Augusta obteve reconhecimento no Brasil e exterior, sendo apreciada

Primavera (1880), *O quinze de novembro do sexo feminino* (1890-1896) da redatora e proprietária Francisca Senhorinha da Mota Diniz; *O echo da damas* (1879-1880) de dona Amélia Carolina da Silva e Cia; *A família* (1889-1897) organizado por Josefina Álvares de Azevedo (irmã do escritor Álvares de Azevedo). Em São Paulo, verifica-se a publicação do jornal *A mensageira* (1897-1900) de Presciliana Duarte de Almeida (primeira mulher a entrar para a Academia Paulista de Letras). Zahidé Lupinacci Muzart (2003, p.228) ainda afirma que inúmeros periódicos foram publicados no nordeste brasileiro, para a pesquisadora “[...] As nordestinas escreveram muitos artigos, poemas, contos sobre a questão da abolição da escravatura, visando sempre a uma maior participação nas áreas da educação, da profissionalização e da política.”

⁵ De acordo com Patrícia Rocha (2009, p.133) a corte portuguesa permaneceu por treze anos na colônia brasileira, de 1808 a 1820, e várias foram as transformações ocorridas que possibilitaram a criação de um território com características mais urbanas, ainda que a educação continuasse restrita ao Ensino Básico e aos dirigentes religiosos.

⁶ Cabe acrescentar que até 1827 não existiam leis autorizando o funcionamento de escolas públicas para mulheres no Brasil.

por escritores como Alexandre Herculano (1810- 1877) e Auguste Comte (1798- 1857).

Essa relação chama a atenção para uma das estratégias adotadas pelas mulheres que escreviam na época: buscar apoio nas afirmações emitidas pelos críticos literários. Talvez, Nísia Floresta não tenha se rendido a esse estratagema, mas este “endosso masculino” foi útil para a inserção de várias escritoras no cenário literário. Para que uma escritora publicasse, era necessário produzir textos dentro de temas e suportes de publicação permitidos; é por isso que muitas escritoras encontraram abrigo na escrita com caráter religioso e outras buscaram a proteção de algum crítico literário para defender seu texto.

Ivia Alves (1998), ao analisar quatro escritoras: Anna Ribeiro, Amélia Rodrigues, Maria Luiza de Souza Alves e Júlia Lopes de Almeida, aponta como elas foram esquecidas pela historiografia literária. Este esquecimento deve-se predominantemente à prática, por parte da crítica, de paradigmas de análise literária que não contemplavam as particularidades dos textos escritos pelas brasileiras no século XIX, como a escrita sobre o cotidiano a partir de uma enunciação na primeira ou terceira pessoa do discurso, a utilização de gêneros textuais menos canônicos, como as correspondências e as memórias. Por esta razão, as obras de autoria feminina eram julgadas como ruins, já que não se adaptavam bem aos padrões avaliativos hegemônicos e masculinos. Em consonância com a pesquisadora,

Assim, a produção de autoria feminina era avaliada pela perspectiva do paradigma dominante e, conseqüentemente, era julgada como uma obra mal elaborada. Os críticos preferiam condená-las - provavelmente por não saberem lidar com esse tipo de texto literário - do que se deter para examinar outras formas de expressão diferentemente das eleitas. (ALVES, 1998, p.240)

Algumas escritoras que produziram no século XIX no Brasil, sob o abrigo do romance, da imprensa e da poesia, difundiram ideais sociais e buscaram a igualdade das mulheres e escravos na sociedade. Maria Firmina dos Reis (1825-1917) escreveu o romance *Úrsula* (1859), no qual retrata a sua posição abolicionista diante do regime de trabalho escravocrata, além de produzir contos e trabalhar para a Imprensa. Este exemplo evidencia como muitas escritoras se uniram em torno de questões políticas,

desmitificando a ideia em voga de que a mulher apenas escrevia textos “água com açúcar”.

Em 1870, Narcisa Amália (1852-1984) publica o livro de poemas: *Nebulosas*. Assim como Maria Firmina dos Reis, Narcisa Amália seguia a tendência dos ideais abolicionistas, pautados na igualdade entre os cidadãos. Ela era defensora da liberdade e da ação da imprensa na disseminação das informações para a sociedade. Em razão disso, ela e seus poemas com temas sociais e/ou políticos sofreram inúmeras retaliações por parte da crítica e do público. Como informa Norma Telles (2008, p. 421-422),

[...] Se as investidas libertárias dos moços eram toleradas, o mesmo não acontecia com os ímpetos de liberdade das moças. E Narcisa Amália de Campos, como ela própria declara, consagrou-se à independência e ao feminino, à liberdade educacional e artística da mulher.

Narcisa Amália era jovem e bonita, logo não deveria escrever sobre ideais sociais, políticos. Existia um lugar autorizado pela crítica para ela, os críticos desqualificavam-na recorrendo a elogios regulados pela aparência pessoal, ignorando o aspecto estético do texto. Desse modo, quiseram transformar a sua escrita em mero passatempo sem nenhuma relação com uma profissão. Por esta época, algumas temáticas eram consideradas proibidas para a escrita por mulheres, sendo o tema mais cobiçado por elas, o amor, o que causava reações preconceituosas tanto da crítica literária quanto da sociedade em geral.

Disseminou-se a ideia de que as mulheres que escreviam eram acometidas pelos impulsos da emoção, da demasiada sensibilidade, e por isso, suas produções literárias seriam irrelevantes⁷. Sabe-se que muitos críticos optaram por ler as obras de autoria

⁷ Em virtude dos julgamentos aos textos de autoria feminina por parte da crítica vigente, escritoras com algum grau de notoriedade no Brasil iam à defesa das escritoras atacadas pela crítica literária. Segundo Nancy Rita Ferreira Vieira (1998), a escritora baiana, Anna Ribeiro de Góes Bittencourt (1843- 1930), saiu em defesa da poetisa Anália Vieira do Prascimo, após uma avaliação severa da crítica aos seus poemas, evidenciando assim que existia uma prática de *sororidade* entre as escritoras. Anna Ribeiro, por seu turno, elabora um poema em que evidencia sua posição sobre esses julgamentos. Assim, “[...] O incentivo à produção de Anália é também uma forma de solidarizar-se com a poetisa e, mesmo de longe, Anna Ribeiro não se abstém de se colocar como cúmplice da produção literária feminina. O tom apaixonado revela o modo como a Anna se coloca diante das questões femininas e, nesse texto, a necessidade de reagir aos que negligenciam e satirizam a poesia de uma mulher deixa-a bastante à mostra quanto às questões femininas.

feminina a partir das atribuições físicas das autoras e não pela qualidade das obras produzidas, exercitando assim o papel de pais zelosos diante da “fragilidade” dos textos por elas produzidos, como se percebe na passagem abaixo, ao citar o comentário feito pelo crítico Arthur de Andrade a *Flocos de Neve* (1898), de Áurea Pires,

O crítico segue nos elogios, destacando a poetisa mais pelos dotes físicos do que pelo talento propriamente dito: "encontrará um perfeito trabalho feminino, onde falta o artista, brilha e flutua a encantada doçura, a fina e mimosa sensibilidade de uma alma de moça." Por vezes, toma coragem e se mostra menos paternalista: "avultam imperdoáveis desleixos de forma, versos fracos e quebradiços." Mas, logo em seguida, perdoa os deslizes técnicos, concluindo que, entre as mulheres, ela pode ter o seu mérito. (PAIXÃO, 1990, p.54)

Curioso é perceber que o crítico considera que os poemas de Áurea Pires só possuem valor se forem comparados ao conjunto de poemas escritos por mulheres, ou seja, nem se cogita a possibilidade de comparação entre os versos de um poeta e uma poetisa. Ainda conforme Norma Telles (2008), Narcisa Amália (1852-1924) foi acusada de “atentado ao pudor e a família”, além de sua vida ter sido utilizada pela crítica como meio de justificar sua literatura, argumento que se tornou recorrente na crítica literária hegemônica. Caso similar ocorreu com as poetisas Gilka Machado (1893-1980), no Brasil, e Florbela Espanca, em Portugal (1894-1930).

Segundo este prisma, Gilka Machado e Florbela Espanca tiveram as suas vidas devassadas pela crítica masculina, que, com o objetivo de diminuir a qualidade de seus textos atacavam-nas moralmente a fim de rebaixá-las à categoria de mulheres passionais e amadoras em relação ao exercício de escrita. Para estas poetisas, a hostilização ainda foi mais explícita, porque escreveram sobre um tema polêmico – o erotismo –⁸, proibido para mulheres. Conforme as palavras de Lúcia Castello Branco (2004, p.99),

demonstrando que a autora tinha opiniões taxativas quanto à capacidade da mulher e da sua importância dentro dos limites da arte.”.

⁸Os textos de autoria feminina com um viés erótico encontram resistência, ainda hoje, no âmbito da tradição literária. Esta posição reflete os paradigmas morais da sociedade que, sob a égide do patriarcado, impôs um modelo de comportamento feminino caracterizado pela interdição ao desejo sexual. Ana Madalena Fontoura de Oliveira (2013, p.7) afirma: “[...] O desejo feminino sempre foi objeto de interdição ao longo da história. Sua condenação pode ser rastreada nos mais diversos contextos: textos bíblicos, narrativas mitológicas, contos de fadas tradicionais, em todos encontramos fórmulas para contenção e/ou sublimação deste desejo.”. Ainda neste mesmo texto, a pesquisadora ressalta que a partir do final do século XIX, e ao longo do século XX, a gradativa emancipação das mulheres promove a ruptura dos códigos sociais vigentes,

[...] É curioso que os críticos, em seu julgamento, não tenham conseguido separar os “domínios da arte” dos “domínios da vida”. Esse comportamento parece ter sido, até há pouco tempo, generalizado em relação à produção literária feminina. São poucos os que conseguiram distinguir esses dois terrenos.

Ao analisar a crítica literária relacionada com o estudo de textos de autoria feminina, Luiza Lobo (2002) aponta alguns problemas encontrados para o estudo do objeto literário produzido por mulheres, dentre eles o de que, às posturas teóricas por parte da crítica literária latino-americana, que aposta em um estudo de texto norteado por teorias desenvolvidas por estudiosos de países desenvolvidos. Desta forma, a teoria não condiz com o contexto de produção literária feminina latino-americana. Além disso, aponta a tendência dos estudos centrados em uma perspectiva antropológica, sociológica, e filosófica que escapa da análise literária e também naquela leitura pelo viés do “descritivismo biográfico” (LOBO, 2002), no qual apresenta apenas a vida das autoras estudadas deixando de lado a sua produção literária.

Ao citar algumas escritoras que no século XIX enveredaram pela carreira de letras no Brasil, Norma Telles (2008) afirma que algumas delas foram abolicionistas, pois lutaram pela igualdade dos negros e mulheres e, por isto, já expressavam o embrião do que hoje chamamos “feminismo”. Através de todos os empecilhos, a voz feminina ganhou força por meio de escritoras como: Nísia Floresta Brasileira Augusta, Maria Firmina dos Reis, Narcisca Amália, Benedicta Bormmann etc. Neste sentido, os textos produzidos durante o século XIX se relacionam com o feminismo, pois a luta pela igualdade de direitos, educação e profissão neles se encontram presentes, conforme Zahidé Lupinacci Muzart (2003, p.267):

impulsionando as mulheres a dizer, por si mesmas, o que querem os seus corpos. Entretanto, apesar das conquistas a sociedade e/ou a crítica literária pune as escritoras que enveredaram/am pelo caminho do erotismo em seus textos. Ana Madalena Fontoura de Oliveira (2013, p.10) apresenta um exemplo bastante elucidativo desta resistência ao erótico nos textos de autoria feminina, citando um episódio que aconteceu com a poetisa portuguesa Maria Teresa Mascarenhas Horta (1937) após a publicação de seu livro *Minha Senhora de Mim* (1971). Nesta ocasião, Maria Teresa Horta recebeu telefonemas e cartas com agressões verbais que culminaram em uma cena de espancamento na rua, conforme assinala no trecho a seguir: “[...] três homens atiraram-me ao chão e sem pararem de me bater, por entre palavrões e obscenidades, gritavam: “isto é para aprenderes a não escreveres como escreves”. (apud OLIVEIRA, 2011, p. 222).

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente.

Opta-se neste texto por entender a escrita de autoria feminina, a partir de Rita Terezinha Schmidt (1995), como aquela que promove a inserção das mulheres na produção cultural, promovendo a conquista da identidade e, acima de tudo, da linguagem. Transformando as mulheres escritoras, também, em herdeiras de um “[...] mundo emaranhado de cipós, sílabas, madressilvas, cores e palavras” (LISPECTOR, 1998, p.14).

Além da projeção do gênero romance no século XIX, pode-se atrelar ao desenvolvimento da escrita de autoria feminina no Brasil a formação do feminismo brasileiro, ou melhor, a divulgação das concepções feministas difundidas na Europa. De acordo com Constância Lima Duarte (2003, p.153), no final do século XIX, as primeiras feministas brasileiras lutaram pela igualdade do direito de ler e escrever.

[...] A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então as opções eram uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado, todos se ocupando apenas com as prendas domésticas. E foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever.

A busca do conhecimento possibilitou o avanço da mulher no campo literário, iniciando-se assim um deslocamento do discurso masculino hegemônico vigente. Elas passaram a adquirir um local de fala, onde os intermediários masculinos eram desnecessários. A partir de 1870, é possível perceber a urgência pela ampliação da educação feminina, bem como, pela igualdade de direitos. A formação da imprensa “feminista” no Brasil, produzida por mulheres, favorecerá a visibilidade da luta das mulheres no país. Em linhas gerais, os jornais publicavam receitas, notas de comportamento, ideias sobre a igualdade das mulheres na sociedade brasileira. Segundo

Constância Lima Duarte (2003), durante esse período é possível observar a crescente

publicação de notícias de mulheres que estavam estudando graduação no país ou no exterior.

Maria Benedicta Câmara Bormann (1853-1895) publicou cinco romances, além de vários textos em jornais, mas, por questão de proteção assinava seus textos utilizando o pseudônimo “Délia”. Apesar de publicar em meados do século XIX, ainda recorreu a esta tática como forma de dar vazão à sua liberdade criadora e, principalmente, para não colher hostilizações devido à emissão de sua opinião. Outras escritoras, também, durante este período, recorreram ao uso de pseudônimos em seus textos. Nas palavras de Norma Telles (2008, p.431),

[...] No início do século, foi comum escritoras adotarem um pseudônimo para encobrirem a identidade, para serem aceitas pelo público. Nas últimas décadas a adoção de um pseudônimo passa a ter outra conotação, começa a ser usado como palavra de poder, marca de um batismo privado para o nascimento de um segundo eu, um nascimento para a primazia a linguagem que assinala o surgimento da escritora.

O uso de pseudônimos por mulheres escritoras foi recorrente tanto no Brasil como no exterior, a famosa escritora britânica Virginia Woolf (1882-1941) publicou alguns artigos em jornais a respeito das barreiras enfrentadas pelas mulheres em diferentes campos, enfatizando, de certa forma, aquelas relacionadas à profissão de escritora. Nestes artigos, a escritora inglesa discute a função dos pseudônimos na escrita de George Eliot e Charlotte Brontë, nomes falsos geralmente criados como uma forma de proteção, ou melhor, de libertação. Segundo a autora,

[...] para um homem ainda é muito mais fácil do que para uma mulher dar a conhecer suas opiniões e vê-las respeitadas. Não tenho dúvidas de que, caso tais opiniões prevaleçam no futuro, continuaremos num estado de barbárie semicivilizada”. (WOOLF, 2012, p.51).

Os pseudônimos masculinos utilizados pelas escritoras durante o século XIX funcionavam como meio de proteção diante da sociedade e, simultaneamente, como uma forma de legitimação das obras produzidas por elas. A fim de se esquivar de julgamentos de valor, as escritoras imprimiram nas capas de seus livros nomes de homens para assim adentrar na cena cultural. É verdade que escritores também utilizaram este estratagema, talvez mais para evitar perseguições sociais do que para legitimar seus escritos. É o caso

do escritor alemão Erich Kästner, que teve livros queimados pelos nazistas e que, para continuar publicando, utilizou pseudônimos em pleno século XX. Avançando um pouco mais no tempo, verifica-se o retorno do uso do pseudônimo masculino pela escritora inglesa J. K. Rowling, que, depois de imprimir apenas as iniciais de seu nome em sua série de livros famosos, busca certa recepção do público apagando a marca de gênero quando, e ao enveredar pelo viés policial, em 2013, com o livro *The cuckoo's calling*, adota um pseudônimo masculino: Robert Galbraith⁹.

2 UM MAPEAMENTO DA LITERATURA FEMININA NO BRASIL DO SÉCULO XX AO INÍCIO DO SÉCULO XXI

É necessário regressar às discussões iniciadas no século XX sobre a autoria feminina a fim de clarificar a cena heterogênea que compõe a literatura contemporânea produzida por mulheres no Brasil. Nelly Novaes Coelho (1993) aponta que, a partir dos anos 70 do século XX, o interesse pela escrita de autoria feminina no âmbito acadêmico tornou-se uma constante devido às próprias mudanças ocorridas nesta metade do século, como, por exemplo, a quebra de paradigmas sociopolíticos no país e a inserção das discussões feministas a partir de 1968. Além disso, a década de 70 é responsável por visibilizar a literatura infanto-juvenil e a literatura produzida pelos afrodescendentes no panorama nacional. Para Nelly Novaes Coelho (1993, p.11) isso significa

[...] Muito mais que simples moda, esse triplo interesse arraiga em um fenômeno cultural mais amplo: a inegável emergência do *diferente*; das vozes divergentes; a descoberta da alteridade ou do outro, via de regra, sufocadas ou oprimidas pelo sistema de valores dominantes.

A partir dos anos 60, do século XX, algumas vozes femininas trazem como elemento comum em suas obras, “[...] o reajustamento da linguagem às solicitações dos

⁹ O artigo assinado por Holger Ehling (2013) e publicado no site da *Deutsche Welle* traz uma breve discussão acerca do uso de pseudônimos por escritores famosos; as escritoras citadas por Virginia Woolf em seu livro não ficam de fora. Apesar de a Associação dos escritores e editores alemães afirmar que é igualitária a participação de escritores e escritoras na literatura da Alemanha, o autor do artigo aponta que durante a premiação literária Edgar Wallac, em 1960, uma escritora venceu como melhor romance policial. Entretanto, a organização do prêmio desconhecia que por trás do título existia uma mulher, por isso tentaram impedi-la de receber o prêmio.

novos tempos.” (NOVAES, 1993, p.17). Entre os anos 60 e 70, as escritoras que se destacaram foram: Hilda Hilst, Núbia Marques, Eunice Arruda, Maria Jose Giglio, Myriam Fraga, Cora Coralina, entre outras. Nesse momento, muitas poetisas passaram a adentrar o universo da ficção, questionando a imagem predominante da “mulher” nutrida pela sociedade e desenhando uma nova imagem.

Nos anos 70 e 80 predominou a escrita produzida dentro do viés da “literatura alternativa”, refletindo o momento vivido durante os anos do governo militar no Brasil. Os participantes desse segmento literário ficaram conhecidos como os “poetas marginais” ou como “geração mimeógrafo”. Destacam-se nessa vertente as poetisas: Ana Maria Cristina César, Ana Maria P. F de Castro, Glória Perez, Leila Miccolis etc. É desse período, também, a profusão de inúmeras antologias de autoria feminina tanto no que diz respeito à ficção quanto à poesia, como por exemplo, *Mulheres e mulheres* (1978), *Palavra de mulher* (1979), *Muito Prazer* (1982). De acordo com a classificação sugerida por Nelly Novaes Coelho (1993), a ficção de autoria feminina durante os anos 70 e 80 apresenta como tendência comum a ênfase nas questões relacionadas com o ser e com o seu pertencimento ao mundo, o experimentalismo na linguagem e, principalmente, a consciência de que a palavra cria o mundo real. A partir dos anos 70, as escritoras passaram a produzir mais romances¹⁰ do que contos, e aquelas que se destacaram nessa vertente foram: Clarice Lispector, Nélida Pinõn, Lygia Fagundes Telles, Judith Grossmann, Márcia Denser, Raquel Jardim.

Prossegue-se um pouco mais no desenho do painel da literatura produzida por mulheres durante o século XX com o levantamento, proposto por Luiza Lobo (1993), das escritoras que produziram entre os anos 1975-85, no Brasil, a fim de analisar o impacto da produção de autoria feminina, tanto em prosa quanto em verso, durante o período por ela estabelecido. Na tentativa de esquematizar uma historiografia literária visibilizando a produção de mulheres, ela estabelece a existência de dois grupos principais. O primeiro diz respeito às autoras que possuem “estilo”, mas não promovem rupturas em relação às

¹⁰ Segundo Nelly Novaes Coelho (1993), a década de 60 do século XX no Brasil foi marcada pela preferência a de produção de contos pelas escritoras brasileiras.

personagens femininas, demonstrando certo exercício de decalque dos modelos hegemônicos de autoria masculina. Este grupo divide-se em três tendências principais: existencial, experimentação textual e alegoria política. Por sua vez, o segundo grupo compreende escritoras que projetam um novo discurso em seus textos.

De acordo com Luiza Lobo (1993), o humor e o erotismo favorecem uma nova perspectiva para a literatura nacional, com traços que tendem a características tradicionais. Já para Nelly Novaes (1993, p.17), essa tendência colabora para driblar a dicotomia existente na constituição da imagem feminina, dado que as escritoras começaram a sair de um estado de “bloqueio absoluto ao sexo”, estabelecido pela sociedade, para uma “liberação desordenada” e, conseqüentemente, reorganizam a configuração literária nacional.

Este caráter da escrita de autoria feminina durante o século XX pode ser considerado como um contradiscurso, no sentido em que, neste período, passa a ocorrer de forma mais sistemática o deslocamento do discurso masculino hegemônico vigente. Assim, as mulheres passam a projetar a sua representação devido à apropriação de um local de fala. Este contradiscurso se entrelaça com a teoria feminista, que propõe uma mudança de conceitos naquilo que se define como outro, promovendo uma inclusão dos grupos socialmente marginalizados no cenário nacional. Nesta direção, o feminismo vem sendo considerado “[...] como uma das alternativas mais exemplares e concretas para a prática política e para as estratégias de defesa da cidadania.” (HOLLANDA, 1994, p.10).

Esta noção contribuirá para fundamentar a crítica feminista literária, que para Rita Terezinha Schmidt (1995) irá fornecer as bases para a desorganização do estudo de textos centrados em paradigmas de caráter masculino através da revisão do estudo das obras do cânone literário universal. É nesta direção que diversas pesquisadoras tentam, a partir da década de 80 no Brasil, formular estudos que contemplem uma tendência voltada para o estudo de textos de autoria feminina, fundamentados em um prisma da crítica feminista. Assim, o início do século XX promoveu no Brasil

“[...] uma movimentação inédita de mulheres mais ou menos organizadas, que clamam alto pelo direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho, pois queriam não apenas ser professoras, mas também trabalhar no comércio, nas repartições, nos hospitais e indústrias.” (DUARTE, 2003, p.160).

Essa conjuntura social permitiu uma maior discussão acerca do fazer literário das mulheres escritoras no país e, também, sobre a sua própria condição. Se a produção da escrita no século XIX para as mulheres relacionava-se com a existência de jornais, e revistas, e, posteriormente, romances, que, ao longo do século, ampliaram o grau de absorção das ideias feministas, no final do século XX, podemos dizer que a projeção da escrita de autoria feminina encontrou espaço no surgimento do suporte em meio virtual chamado *blog*.

De acordo com Fabiana Komesu (2004), o gênero textual *blog* surge no século XX, mais precisamente em agosto de 1999. Neste ano, Evan Williams desenvolve o *software Blogger*. Este suporte objetivava a publicação de textos *online* sem a necessidade de um conhecimento profundo sobre a ferramenta. A facilidade do acesso, atualização de manutenção dos textos *online*, explica o sucesso da ferramenta logo após a sua criação. Além disso, o suporte *blog* possibilita a aglomeração de diferentes textos: poemas, crônicas, contos e relatos do cotidiano em um espaço único. Muitos destes textos trazem características que se aliam ao que chamamos de autobiografia, memórias ou literatura confessional.

É neste “ciberespaço” que as mulheres da última década do século XX encontraram abrigo para os seus desejos, e capacidade criadora. Este espaço é caracterizado pela ausência de barreiras sociais, imposições de pais, irmãos e maridos tornando-se um lugar livre da casa e ao mesmo tempo dentro de casa. Nas palavras de Luiza Lobo (2007, p. 11),

[...] O hábitat humano não é composto pelas quatro paredes da casa, como no início da literatura de autoria feminina, mas se transforma no vasto mundo, reinventado como mundo paralelo. É a utopia de um planeta sem fronteiras, de uma aldeia global construída por redes e sistemas de informação, um lugar poroso e rizomático supostamente livre e inspirador da arte e do pensamento. (LOBO, 2007, p.11).

Para Beatriz Resende (2008), o espaço virtual tornou acessível a publicação de textos a todos que desejam. Desse modo, a *web* torna-se um local privilegiado para a escrita e para a circulação de textos por uma diversidade de autores. A pesquisadora aponta que a reunião de diversos autores no ciberespaço permite o estabelecimento de uma rede de legitimação para outros autores. Em consequência, a crítica literária não pode mais desconhecer este movimento, como também as editoras de papel sofrem uma mudança de padrão para a edição de textos. Nas palavras de Beatriz Resende (2008, p.136-137),

[...]A crítica literária não pode mais ignorar o fenômeno, mesmo porque os próprios autores passam a exercer o papel de críticos, comentando uns aos outros. [...]. As editoras tradicionais, aquelas que continuam produzindo livros em papel, descobrem que podem pescar na rede novos autores, perceber novas tendências, avaliar com facilidade novas práticas literárias e, ao mesmo tempo, verificar a repercussão que textos e autores têm junto a esse novo tipo de leitor, o que recebe de imediato, em casa, a qualquer momento, um produto literário similar ao que elas levam tanto tempo em preparar, imprimir, divulgar, lançar e vender.

Como assinala Luiza Lobo (2007), a literatura publicada nos *blogs* de mulheres visa transmutar a convenção entre a imitação da realidade e a sua representação. É função desta ferramenta romper com os elos já estabelecidos. E, por este motivo, percebe-se como a escrita íntima se metamorfoseou neste espaço virtual, já que o estatuto de verdade entre as narrativas reais e ficcionais foi quebrado. E, neste novo lugar de literatura, as narrativas “artificiais e naturais” estão amalgamadas. Como informa Umberto Eco (1994), o estabelecimento das linhas limítrofes entre uma narrativa real e artificial são muito próximas e emaranhadas. Em certa medida, o exercício de escrita nos *blogs* contribuiu para embaralhar as características ficcionais e reais e, por isso, o *blog* mostra-se relevante para o aparecimento e sedimentação da escrita de autoria feminina, pois

[...] os blogs são importantes para substituir essas fórmulas arcaicas e repetitivas que visam a castrar e controlar o comportamento da mulher. Eles representam um tipo de conhecimento da escrita criativa de uma nova lei ou écritude (segundo Barthes) que se baseia na reflexão, e não no reflexo e na repetição de verdades como no fonocentrismo, segundo vozes, tradições, crenças, que se ecoam e se eternizam, sem necessidade de verificação racional de sua veracidade. (LOBO, 2007, p.66).

É em meio a esta atmosfera que novas experiências de leitura e escrita são elaboradas, reformulando os paradigmas que definem estas ações. Novas tendências são oportunizadas pelas novas tecnologias, como os *blogs*, promovendo a circulação e publicação de textos no início do século XXI. O acesso ao “espaço democrático” da internet possibilitou a inserção de mulheres no campo do fazer literário brasileiro, favorecendo o desenvolvimento e/ou ascensão de uma escrita de autoria feminina no Brasil.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mapeamento da escrita de autoria feminina apresentada neste estudo visou evidenciar o modo como a crítica literária feminista durante o século XX se empenhou em organizar cientificamente a produção de autoria feminina no Brasil, ao mesmo tempo em que foi estabelecendo uma historiografia literária de autoria feminina com a finalidade de tornar público o percurso de mulheres que escreveram em nosso território.

A palavra transformou-se em uma matéria-prima valiosa para o estabelecimento da “grande literatura”, Cultura e Estado. Nesta conjuntura, durante séculos, a sociedade tratou o lugar da mulher na produção literária como aquele sem importância. Diante do contexto social vigente, a mulher era caracterizada pela passividade, pela capacidade de inspirar os poetas ilustres que configuravam o seleto grupo do cânone universal. A historiografia literária tradicional foi essencial para promover a exclusão de identidades que iam contra o modelo ideal de produtor de conhecimento. Segundo Michelle Perrot (2012), as vias de escrita para as mulheres sempre foram de difícil acesso. Muitos obstáculos impediram o florescimento de uma escrita de autoria feminina, nomeadamente questões de ordem social e moral. Mas, apesar da existência destas impossibilidades, sempre, ao longo da História, existiram mulheres que hoje podem ser consideradas pioneiras no exercício de escrever¹¹.

¹¹ Michelle Perrot (2012) aponta como exemplo Safo, a poetisa, grega, que no final do século VII encorajou a formação de um coral onde cantavam jovens abastadas, e, também, a autora de uma coletânea de cantos gregorianos no século XII chamada Hildegarde de Bingen.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ivia. Escritoras do século XIX e a exclusão do cânone literário. In: PASSOS, Elizete; ALVES, Ivia; MACÊDO, Márcia. (Orgs). **Metamorfoses: gênero nas perspectivas interdisciplinares**. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998. (Coleção Bahianas, 3)

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Loyola, 1981.

CASTELLO BRANCO, Lúcia; BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **A presença da mulher na literatura contemporânea**. In: _____. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. São Paulo: Siciliano, 1993.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ; Vinhedo: Horizonte, 2012.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados**. vol. 17, n. 49, 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18402.pdf> >. Acesso: 15 abr.2014.

ECO, Umberto. **Protocolos ficcionais**. In: _____. Seis passeios pelo bosque da ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EHLING, Holger. **Uso de pseudônimos por escritores tem longa tradição e vários motivos**. Disponível em <<http://www.dw.com/pt/uso-de-pseud%C3%B4nimos-por-escritores-tem-longa-tradi%C3%A7%C3%A3o-e-v%C3%A1rios-motivos/a-17004640>. > Acesso 20 de fev.2016.

FONTES, Nancy Rita Vieira; ALVES, Ívia Iracema Duarte. A bela esquecida das letras baianas: a obra de Anna Ribeiro. 1998. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Feminismo em tempos pós-modernos. In: _____. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KOMESU, Fabiana. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos. (Org). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.110-119. Disponível: <<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/blogs.pdf>. > Acesso em 13 jun. 2014.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOBO, Luiza. Dez anos de literatura feminina no Brasil. In: _____. **Crítica sem juízo; ensaios**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

_____. **Segredos públicos: os blogs de mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. (Ideias contemporâneas).

_____. **A literatura de autoria feminina na América Latina**. 2012. Disponível em: <<http://filipe.tripod.com/LLobo.html>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar. In: Moreira, Maria Eunice. (Org.). **História da literatura: termos, temas e autores**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.p.261-275.

OLIVEIRA, Ana Madalena Fontoura de. A interdição do desejo: a poesia erótica feminina e as questões políticas em Portugal no século XX. **Dioma**, Rio de Janeiro, n. 24, 2013.

PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. O olhar condescendente. **Travessia: Revista do curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da UFSC**, Florianópolis, 2º semestre de 1990. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17201>>. Acesso: 07 jun.2015.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Contexto, 2012.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira contemporânea do século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

ROCHA, Patrícia. **Mulheres Sob Todas as Luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado**. Belo Horizonte: Leitura, 2009.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 1995. p. 182-189.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: Priore, Mary Del. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 2 ed. São Paulo: contexto, 2008.

WOOLF, Virginia. **O leitor comum**. Trad. Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia, 2007.

_____. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012.

_____. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa, Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.



Título em inglês:

NOTES ABOUT THE WAY OF FEMALE AUTHORSHIP

INVENTÁRIO